

**O Ensino Religioso como potencializador de outras relações:
as interfaces entre o Ensino Religioso com os conceitos de ética,
cuidado e biologia do conhecer, sob a perspectiva das Ciências
das Religiões**

**Religious Education as a potentiator of other relations:
the interfaces between Religious Education with the concepts of
ethics, care and biology of knowing, from the perspective of the
Studies of Religions**

*Eliana Furtado Vieiras¹
George Francisco Corona²*

RESUMO

O artigo, a partir de um estudo bibliográfico, realiza uma análise da relação teórico-prática dos conceitos de ética, cuidado e a biologia do conhecer com o Ensino Religioso. Explora esses conceitos procurando mostrar suas interfaces teórico-conceituais. Os referenciais teóricos trazidos ao longo do texto respondem pelos conceitos que foram discutidos. Dentre os principais autores estudados, destacam-se Bauman, Cremonese, Boff, Maturana, Vygotsky e Veliq. A análise infere que o Ensino Religioso praticado tem potencial para contemplar, em seu bojo teórico-prático de ensino, elementos que podem contribuir significativamente com a produção de outros modos de se relacionar. Entre esses elementos, o “cuidado” e o “amor” pelo “outro” se traduzem pela prática do respeito e aceitação pela diferença religiosa e/ou racial que precisa se fazer presente no espaço escolar e social.

PALAVRAS-CHAVE

Biologia do Conhecer; Cuidado; Ensino Religioso; Ética.

ABSTRACT

The article, based on a bibliographic study, analyzes the theoretical-practical relationship of the concepts of ethics, care and the biology of knowing with Religious Education. It explores these concepts seeking to show their theoretical-conceptual interfaces. The theoretical

¹ Mestranda em Ciências das Religiões. Faculdade Unida de Vitória (UNIDA).

² Doutor em Educação, UFES professor do Instituto Federal de Educação do ES (IFES).

references brought throughout the text respond to the concepts that were discussed. Among the main authors studied, Bauman, Cremonese, Boff, Maturana, Vygotsky and Veliz stand out. The analysis infers that the Religious Education practiced has the potential to contemplate, in its theoretical-practical core of teaching, elements that can contribute significantly to the production of other ways of relating. Among these elements, “care” and “love” for the “other” are translated by the practice of respect and acceptance for the religious and/or racial difference that needs to be present in the school and social space.

KEYWORDS

Biology of Knowing; Care; Religious Teaching; Ethics.

Introdução

O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman, em um dos seus livros, levanta a problematização sobre que possibilidades tem a ética de se fazer presente num mundo de consumidores. O filósofo polonês inicia seu pensamento fazendo menção à Sigmund Freud quando este observa que a conclamação para amar a teu próximo como a ti mesmo é um dos preceitos fundamentais da vida civilizada. De igual maneira, lembra Bauman, é também o que há de mais antagônico com o que está presente na sociedade contemporânea: o interesse individual na busca da felicidade.³ Por mais paradoxal, improvável e absurda possa parecer tal ideia, o autor lembra que aceitar o preceito de *amar o próximo* é o ato fundador da humanidade. Aquele capaz de romper com a carapaça de vontades, desejos e predileções *naturais* que aproximaria os homens das feras.

Esse preceito, tão conhecido e presente no mundo religioso/espiritual, acreditamos equivaler e/ou se relacionar, nesse caso, com a proposta de uma vida ética e mesmo com a produção de uma vida em que seja gestada e/ou potencializada uma cultura do cuidado. Ou seja, a tomada de posição por uma conduta ética e de cuidado para com a vida em relação aos outros. Embora o conceito de ética não seja o nosso foco principal nesse artigo, ele também será objeto de análise. Nesse aspecto, acreditamos interessante observarmos alguns atravessamentos dessa perspectiva com a proposta do Ensino Religioso a qual estamos defendendo. Dessa forma, o que procuramos discutir é a aproximação e capacidade de potencialização que a *biologia do conhecer*, de Humberto Maturana, e o conceito de *cuidado*, de Leonardo Boff, juntamente com a noção de *ética*, apresentada por Bauman e Cremonese, tem a oferecer ao Ensino Religioso como proposta curricular.

1. As possibilidades de um novo *ethos*

Um dos desafios aqui postos seria o de definirmos o que seria a ética. Embora bastante usual, o termo ética não é de simples definição ou entendimento. Do ponto de vista etimológico,

³ BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 13.

a palavra deriva do grego *ethos* que pode representar *morada, lugar* ou *ambiente*.⁴ O professor Djalma Cremonese, da Universidade de Santa Maria, observa que o entendimento atual do conceito de ética pode se diferir daquele dos gregos e romanos. Para estes, a ética estaria intimamente ligada aos hábitos e costumes de uma sociedade no lugar onde habitam. Regras, leis e costumes de um povo. No entanto, a compreensão contemporânea sobre a ética se dá de outra maneira. Segundo Cremonese, seriam princípios universais que se aplicam a todos, de forma imparcial. Em outras palavras corresponderia a reflexão sobre uma melhor forma de viver e conviver. Cremonese não nega o caráter histórico e contextual da ética, lembrando que ela pode variar no tempo e até mesmo de uma cultura para outra. Resgatando o pensamento kantiano, o professor lembra que a ética deve ser baseada em direitos nos quais a pessoa deve ser tratada como fim em si mesmo e nunca como meio. Ou seja, jamais devo instrumentalizar o meu próximo tendo em vista o meu *sucesso* pessoal. Nesse caso, essa instrumentalização do outro, estaria na contramão e/ou seria a contraposição do preceito *amar o próximo*.

Podemos inferir que, respeitadas suas diferenças, Bauman e Cremonese se aproximam em suas análises quanto à ética no que tange à relação com o outro. O outro como àquele que exerce em mim uma provocação em também me tornar outro, ou mesmo em desenvolver/potencializar o exercício da *outridade*.

A relação entre ética e religião é problematizada pelo teólogo Fabrício Veliq⁵ que, ao realizar um estudo dessa relação, observa que diferentes perspectivas são apontadas. Uma delas, baseada nos estudos dos filósofos Paulo César Nordari e Everaldo Cescon, em que a ética e religião se constituiriam em duas realidades distintas, sendo que a primeira busca sua autossuficiência defendendo sua autonomia e procurando excluir a religião, enquanto a segunda busca se absolutizar sem o respaldo da ética.

Veliq observa que os filósofos Nordari e Cescon fazem menção a Mardon e Habermas quando apontam duas funções da religião: uma expressivo-simbólica e outra de capacidade de integração social. Nesse aspecto, mesmo que os autores entendam e apontem a distância entre uma e outra, acreditamos que nessa segunda função possa estar ou se fazer presente o que buscamos aqui discutir: a relação entre religião, ética e cuidado.

Na problematização da relação entre religião e ética, segundo o autor, embora se perceba uma diferenciação entre o uso da razão, a qual deve se pautar as questões relativas à moralidade – sendo que aqui, não se estabelece diferenças em relação à ética –, e o da fé religiosa, Veliq observa que muitos autores reconhecem a fé religiosa como um fator importante para se pensar questões éticas.⁶

No aspecto que tange ao que estamos procurando problematizar, vale ressaltar a consideração de Veliq em relação aos estudos que abordam as temáticas da fé cristã, pois podem contribuir para desmistificar a ideia tão comum, principalmente no Brasil, de que as questões teológicas sejam apenas questões ligadas a um ambiente eclesial e/ou relativo à vida “espiritual” do ser humano, não se relacionando, assim, com o mundo concreto em que vivemos. Nesse mesmo sentido, Veliq observa que, mesmo apontando uma certa distância entre aspectos da fé religiosa

⁴ CREMONESE, Djalma. Ética e moral na Contemporaneidade. *Revista Campos Neutrais*, Santa Vitória do Palmar, v. 1, n. 1, p. 8-28, 2019, p. 17.

⁵ VELIQ, Fabrício. Perspectivas sobre a relação entre ética e religião. *Revista Outramargem*, Belo Horizonte, v. 7 n. 10, p. 1-10, 2020, p. 3.

⁶ VELIQ, 2020, p. 9.

em relação à dimensão social cotidiana, muitos autores reconhecem na fé um fator importante para se pensar questões éticas.

Embora os princípios de fé religiosa tenham uma relação com o sagrado que ultrapassa a dimensão física e material da vida, acreditamos que esses mesmos princípios são influenciados por questões morais e/ou éticas cotidianas e universais, como também afetam/influenciam o modo como nos relacionamos eticamente com os outros.

2. O cuidado como *ethos*: elementos potencializadores de novas relações

Não muito diferente, quanto à relação entre ética e religião, em nosso entender, também está a relação da religião com a dimensão do *cuidado*, conceito este pensado em companhia do teólogo e filósofo Leonardo Boff. Segundo o teólogo, a ausência do cuidado é o estigma de nosso tempo, sendo que esse *descuido* ou *descaso* se dá em várias dimensões. Dentre as várias dimensões apontadas pelo autor há o descaso ou descuido pela dimensão espiritual do ser humano.⁷

Nesse aspecto, o teólogo chama a atenção para o fato de que não seriam as religiões em si capazes de produzir outras relações, mas, sim, a espiritualidade subjacente a elas que seria capaz de unir, religar e integrar. Até mesmo pelo fato de que vivemos numa época em que a *religiosidade* se faz presente na vida da maioria da população e nem por isso os problemas relacionados à violência, discriminações e relações interpessoais tem sido atenuada. Seja no passado, em que vivíamos sob a égide religiosa seja no presente em que esta, de certa forma se presentifica em nosso meio, todo tipo de violência permanece. Nesse caso, para Boff, ter ou ser de uma determinada religião não determinaria necessariamente o desenvolvimento de uma espiritualidade no ser de cada um.

Essa espiritualidade conecta o ser humano com diferentes dimensões da vida, ela mesma implica um processo de reconstrução das relações que temos como o Outro. Esse “Outro” agora pensado, inclusive, para além do humano, incluindo também elementos não humanos como bem apontou o antropólogo Bruno Latour.⁸

Essas novas relações não serão gestadas por conta própria nem se darão de forma *natural*. Elas precisam ser produzidas pelas relações que estabelecemos com o tudo e todos ao nosso redor. Essas relações não podem ser descuidadas. Nesse sentido, Boff observa que “Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro”⁹.

Leonardo Boff ainda faz menção ao filósofo Martin Heidegger, quando este aponta que o *cuidado* se acha *a priori* de toda atitude e situação, ou seja, significa que ele se encontra na raiz primeira do ser humano.¹⁰ Corresponderia dizer que o cuidado é ontológico ao ser humano. Importante salientar que nada tem de ingênuo nessa análise, pois, para o autor seria justamente na ausência do cuidado que o ser se desumaniza.

⁷ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 19.

⁸ LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004, p. 31.

⁹ BOFF, 2008, p. 33.

¹⁰ BOFF, 2008, p. 34.

Boff lembra que é no cuidado que vamos encontrar o *ethos* necessário à sociabilidade humana. Ethos pensado como um conjunto de valores, princípios e inspirações que dão e darão origem a atitudes que conformarão o nosso lugar comum, uma outra sociedade. Mais do que nunca se faz necessário um novo *ethos* de religação com a Terra, com o Outro, com a vida.

Procurando ampliar/aprofundar sua análise a respeito do *cuidado* e fornecer elementos que fundamentem a possibilidade de produção de um *ethos* para um novo tempo, Leonardo Boff apresenta a fábula-mito de origem greco-latina sobre o cuidado, elaborada por Higino, como uma narrativa em que o cuidado é personificado como àquele que moldou o “*homem*” a partir do barro, do húmus. Na fábula-mito de Higino, o *homem* moldado a partir da argila, do húmus, também recebeu de Júpiter – divindade central da religião Romana – o sopro divino. Em outras palavras, esse *homem* recebeu do céu o espírito da vida e, por isso, carrega consigo algo do divino, de Júpiter, nesse caso, a divindade suprema.

O ser humano, nesse mito, foi moldado pelo *Cuidado*. O cuidado, portanto, está presente desde sua concepção. Não há prosperidade para a vida sem a dimensão do cuidado, sem que, de alguma forma, o cuidado esteja presente. O descuido é o caminho para a derrocada da humanidade. Seja em relação aos processos insustentáveis pelos quais lidamos com os nossos bens naturais, seja pela forma como nos relacionamos com o Outro em nosso cotidiano. Tanto em um como no outro caso, a ausência do cuidado pode nos fazer amargar os dias vindouros.

Se na fábula-mito de Higino, citada por Boff, o *Cuidado* é personificado representando àquele cujas mãos deu origem ao humano, em *Ser e Tempo*¹¹ de Martin Heidegger, podemos encontrar uma fenomenologia do *cuidado*. De acordo com Boff¹², Heidegger aponta para uma dimensão ontológica do cuidado, lembrando que para ele essa dimensão corresponderia àquilo que entra na definição essencial do ser humano e, ao mesmo tempo, estrutura a sua prática, ou seja, o *cuidado* como elemento fenomênico. Dessa forma, fazer uma fenomenologia do *cuidado* seria entender este como uma dimensão humana, sendo a sua existência intrínseca ao processo que estrutura as relações humanas. Como bem observa Boff, “Não *temos* cuidado. *Somos* cuidado”¹³. Sendo assim, o próprio autor enfatiza que, sem o cuidado, deixamos de ser humanos.

As narrativas que tratam da criação humana em sintonia com o mundo e com o seu criador fazem parte da história e do imaginário da sociedade. Vivemos em um mundo cuja história cultural da criação é, ainda, muito presente. Mesmo que tenhamos desenvolvido uma cultura em que a evolução – com toda polêmica existente em seu entorno – seja praticamente consenso no meio científico e, também, esteja presente no meio social, não abolimos a ideia da existência de Deus.¹⁴

¹¹ HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1989, p. 28.

¹² BOFF, 2008, p. 34.

¹³ BOFF, 2008, p. 89.

¹⁴ Este fato evidencia por meio de diferentes pesquisas. Uma delas, realizada em 2007 pelo instituto de pesquisas Datafolha aponta que 97% dos brasileiros acreditam totalmente na existência de Deus (DATA FOLHA. 97% dizem acreditar totalmente na existência de deus; 75% acreditam no diabo. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2007/05/1223861-97-dizem-acreditar-totalmente-na-existencia-de-deus-75-acreditam-no-diabo.shtml>. Acesso em 18 mai. 202). Em outra pesquisa, realizada no período de 2010 a 2014 e apontada por Bencke, mostra que 98,4% dos brasileiros acreditam em Deus (BENCKE, Romi M. Sobre as tensões e as ambiguidades relacionadas à presença das religiões na esfera pública. *Revista Reflexus*, Vitória, v. 9, n. 14, p. 243-255, 2015, p. 247). Recentemente, uma outra pesquisa, agora realizada em 2023 pelo Instituto Ipsos, mostra que aproximadamente 9 em cada 10 brasileiros acreditam em Deus ou em um poder maior (IPSOS. 89% dos brasileiros acreditam em Deus ou em um poder maior, aponta pesquisa Ipsos. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>. Acesso em: 18 mai. 2023).

3. O cuidado enquanto modo de ser

Assim como no caso da palavra ética, originária de palavra grega *ethos*, em que buscamos conhecer sua origem para compreender melhor seu significado no contemporâneo, também procuramos investigar as origens da palavra *cuidado*. Entendemos que a palavra comporta não apenas significados, como também história, experiências e principalmente determinados sentidos. Nesse aspecto, a palavra *cuidado*, segundo alguns estudiosos, provém do latim *cura*. Apoiando-se nos estudos de Martin Heidegger, o filósofo e teólogo Leonardo Boff observa que *cura* se escrevia *coera*, sendo esta palavra usada em contexto de relações de amizade e amor, expressando atitude de preocupação e cuidado com a pessoa amada ou mesmo com algum objeto de grande estima.¹⁵

Segundo Boff, há também uma derivação das palavras *cogitare-cogitatus* e de suas posteriores transformações em *coyedar*, *coidar*, *cuidar*, cujo sentido é o mesmo de cura: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse e mesmo revelar uma atitude de preocupação.¹⁶ Para o autor, o cuidado surge quando a existência de alguém tem importância para mim.

Defendendo a ideia de que o cuidado é mais do que um ato ou uma virtude ao lado de outras, Boff afirma que o cuidado se constitui como um modo de ser, uma maneira como a pessoa humana se realiza no mundo, ou seja, é um modo de ser-no-mundo capaz de criar/estruturar as relações que estabelecemos com as coisas e/ou com os Outros. Esse “ser-no-mundo”, lembra o autor, é mais abrangente do que estar na natureza, significa coexistência e convivência com tudo que existe.¹⁷

4. A biologia do conhecer: algumas aproximações teóricas e contribuições práticas

Acompanhando essa linha de pensamento, em que o *cuidado* implica relações éticas e essas relações se dão no/com o encontro, acreditamos relevante os estudos e pesquisas do biólogo Humberto Maturana em torno do que ele chama de *autopoieses* ou *biologia do conhecer*. Para esse autor, o amor é o fundamento do social, no entanto, ele alerta que nem toda convivência é social. Nesse aspecto, diz que “o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social”¹⁸. Ele explica que somente são sociais aquelas relações que se baseiam na aceitação do outro como legítimo, por meio da convivência, sendo esta aceitação uma atitude de respeito.

O autor explica que:

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto.¹⁹

¹⁵ BOFF, 2008, p. 91.

¹⁶ BOFF, 2008, p. 91.

¹⁷ BOFF, 2008, p. 34.

¹⁸ MATURANA, Humberto R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2009, p. 24.

¹⁹ MATURANA, 2009, p. 25.

O amor aqui proposto pelo autor difere do senso comum ou daquela concepção piegas, propagada nas/pelas redes midiáticas. O autor fala com base na biologia, nas condições que tornam possíveis as interações entre os seres. Nesse processo de interação, o autor observa a linguagem como elemento fundamental, observando que esta se dá no fluir em coordenações consensuais de condutas ocorridas no espaço de relações. Dessa forma, Maturana afirma que se a nossa estrutura muda, muda também o nosso modo de estar em relação com os demais e, dessa forma, muda o nosso linguajar. E se muda o nosso linguajar, muda o espaço no qual estamos.²⁰

Observamos que o meio, nessa perspectiva, muda com o mudar humano, e o ser/sujeito muda com o meio. Nesse caso, acreditamos que o espaço escolar se torna um espaço vital, como elemento estruturante de transformações, pois corresponde a um local de encontros e onde diferentes relações ocorrem. Inclusive, a autoconsciência pertence ao espaço relacional, nos lembra Maturana.²¹ Se, como o autor observa, o futuro de um organismo nunca está determinado em sua origem, devemos compreender que o ato de educar e a própria educação formal se constituem como processo essencial para o estabelecimento de relações éticas, de cuidado e respeito para com os outros – incluindo nesse “outros”, também, os elementos não humanos.

Estamos, nesse momento, inferindo que a Educação – nesse caso específico nos referimos à formal – constitui um processo formador que precisa se dar da maneira mais integral possível, compondo e/ou atravessando as diferentes dimensões da vida. Nesse ponto, destacamos a dimensão religiosa. Dimensão que, embora polêmica quanto à sua presença nos espaços escolares e, por vezes rejeitada do ponto de vista legal, se apresenta fortemente entranhada na vida da grande maioria das pessoas e/ou comunidades.

É na infância que a criança vive o mundo em que se estabelece a possibilidade de converter-se em um ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação de si mesma.²² Aprender a aceitar a si mesma e a diferença que irá se apresentar ao longo do caminho é um processo que não se restringe à escola, mas dela não se prescinde. Um elemento importante quanto ao papel do professor está em contribuir com a construção de uma percepção da criança sobre si mesma em que ela se aceite como ela é. “Sem a aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social”²³.

Estudos e pesquisas mostram que determinadas orientações religiosas praticadas pelos familiares dos estudantes/crianças que frequentam a escola são desqualificadas e/ou discriminadas, ao ponto de fazer com que muitas crianças neguem ou escondam sua participação e/ou frequência nessas cerimônias. Esse processo discriminatório fere a criança em sua autoestima e na legítima capacidade de sua autoaceitação, o que acarretará consequências em seu modo de ser enquanto jovem e adulta. Tal processo, embora existente, é inadmissível e criminoso, principalmente quando praticado em espaço cuja função seja a formação humana integral para uma convivência e vida cidadã.

Um das dessas pesquisas, por exemplo, realizada em alguns municípios metropolitanos do estado do Rio de Janeiro, mostra que muitos professores praticantes de religião de origem africana se sentem intimidados em assumir sua orientação religiosa dentro da escola.²⁴ Observem

²⁰ Maturana, 2009, p. 25.

²¹ Maturana, 2009, p. 25.

²² Maturana, 2009, p. 29.

²³ Maturana, 2009, p. 31.

²⁴ Quintana, Eduardo. Preconceito étnico e religioso na escola: (Des) humanização e barbárie. *Revista Aleph*, Fluminense, n. 31, p. 19-33, 2018, p. 27.

que estamos falando de professores, ou seja, adultos formadores que sentem o peso da intolerância. Imaginem esse peso sobre crianças que estão em formação.

Existem várias reportagens que mostram a violência contra crianças da Umbanda e/ou do Candomblé, como o caso, ocorrido em 2015, da criança apedrejada quando voltava de uma festa realizada em um terreiro; ela estava vestida de branco ao sofrer a agressão. Esse é apenas um dos vários episódios de discriminação e de demonstração de ódio contra a diferença religiosa. Discriminação tanto religiosa quanto racial que vem sendo construída e reproduzida há séculos em alianças com setores conservadores de várias religiões que, também, estão presentes nas escolas. Discriminação, esta, que vem sendo ensinada.²⁵

Fatos como esses mostram que o trabalho de desconstrução é árduo, precisa ser constante e realizado por todos/as, tanto em nível individual como coletivo e/ou institucional. As instituições de ensino, principalmente aquelas que lidam com crianças, tem um papel relevante na produção de uma outra sociabilidade em se tratando dessa problemática religiosa.

Evitando romantizar a infância, percebemos que crianças também praticam discriminação e atos de intolerância. Foram duas crianças que jogaram pedras em outra, vestida de branco, quando saía do terreiro. Podemos afirmar que, de certa forma, tal atitude corresponderia a uma reprodução de suas vivências. Nesse processo, determinadas atitudes podem se estender à vida adulta. Seguindo essa linha de raciocínio, o inverso também poderia ocorrer.

Entendemos que as relações humanas não se constituem como uma ciência exata, sendo sua complexidade avessa a determinismos. No entanto, inserir/trabalhar com o processo relacional de respeito à diversidade religiosa no cotidiano escolar é fundamental para o processo de formação da criança. Nesses aspectos, o psicólogo e teórico Lev Vygotsky defende que o processo de aprendizado da criança não pode ser separado do contexto histórico, social e cultural no qual ela está inserida.²⁶ O autor observa que as relações sociais que se dão entre os sujeitos são adquiridas via mediação. Em outras palavras, o convívio com o outro é determinante no processo de aprendizagem e construção do conhecimento.

Estudos de Vigotsky mostraram que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam”²⁷. O autor ainda observa, agora no que tange ao processo educacional, que o desenvolvimento nas crianças nunca acompanha o aprendizado escolar da mesma forma, essas relações são muito mais complexas e mutáveis, sendo que cada assunto tratado na escola terá sua própria relação com o desenvolvimento da criança, lembrando ainda o importante papel da linguagem nesse processo.²⁸ Uma linguagem que expressa o nosso modo de entender o mundo, que muda o nosso mundo a medida que mudamos com ele.

Seguindo essa linha de pensamento, Maturana defende que:

O educar se constitui no processo em que a criança ou o adulto convive com o outro e, ao conviver com o outro, se transforma espontaneamente, de maneira que seu modo de viver se faz progressivamente mais congruente com o do outro no espaço de convivência. O educar

²⁵ CAPUTO, Stela G. As crianças do candomblé e a discriminação. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/discriminacao-criancas-candomble/>. Acesso em: 19 fev. 2023.

²⁶ VIGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 100.

²⁷ VIGOTSKY, 2007, p. 100.

²⁸ VIGOTSKY, 2007, p. 104.

ocorre, portanto, todo o tempo e de maneira recíproca. Ocorre como uma transformação estrutural contingente com uma história no conviver, e o resultado disso é que as pessoas aprendem a viver de uma maneira que se configura de acordo com o conviver da comunidade em que vivem. A educação como ‘sistema educacional’ configura um mundo, e os educandos confirmam em seu viver o mundo que viveram em sua educação.²⁹

A convivência nos forma, transforma e educa. Qual direção queremos nessa transformação e que tipo de educação estamos realizando? Se queremos um mundo onde nossos educandos se respeitem e não neguem o outro, um mundo onde a diferença religiosa ou de cor não seja a fonte de atitudes discriminatórias e/ou de violência, então precisamos construir esse mundo. E, nesse aspecto, a escola tem muito a oferecer, principalmente com a oferta do Ensino Religioso, nos moldes constitucionais de laicidade e respeito à liberdade de crença. Nossa defesa é que esse componente curricular pode contribuir com o processo de formação cidadã e integral, em que os sujeitos aprendam o respeito no ato do ensino teórico e no ato concreto da convivência.

Considerações finais

Cientes de que, ao trabalhar/pesquisar questões que envolvem relações humanas, vamos lidar com as subjetividades inerentes a esse campo/área, acreditamos que, sem determinismos dogmáticos, possamos apresentar algumas considerações resultantes deste estudo sobre as possíveis relações e/ou interfaces teórico-práticas da noção de ética com os conceitos da *biologia do conhecer* e do *cuidado* e como essa relação pode contribuir com a potencialização do Ensino Religioso, sob a perspectiva da Ciência das Religiões. Não que essas relações sejam exatas e uniformes, mas de que modo elas podem se atravessar, dialogar e, com isso, potencializar outros modos de ser e estar no mundo.

Na proposta deste estudo, o Ensino Religioso se apresenta – e deve se apresentar nos cotidianos escolares – sob a perspectiva laica do Ensino das Religiões. Esse ensino, enquanto componente curricular pode, se trabalhado adequadamente, contribuir com a formação dos sujeitos (discentes) que passam pela escola.

Entendemos que o Ensino Religioso comporta elementos éticos e de cuidado, os quais não se operacionalizam sem uma atitude de respeito para com o outro. Esse “outro” é apresentado pela *biologia do conhecer*, do biólogo chileno Humberto Maturana, como aquele sem o qual eu não me constituo plenamente. O *amor* segundo o biólogo é o elemento criador de uma relação humana em que o respeito seja sempre observado. O *amor* aqui tratado não cai no reducionismo romântico e/ou cinematográfico, mas se apresenta como fundamento do social. A aceitação do outro, na convivência, constitui uma atitude de respeito.

Nesse sentido, observamos aproximações teórico-conceituais entre a *biologia do conhecer* com as noções de ética e *cuidado*, podendo se fazer presente no espaço escolar, não somente, mas principalmente com o trabalho realizado pelo componente Ensino Religioso sob a perspectiva do Ensino das Religiões. Talvez possa parecer um tanto utópico, os preceitos de *amor*, ética e *cuidado* aqui trazidos por Maturana, Bauman e Boff, respectivamente. Mas o que é a

²⁹ MATURANA, 2009, p. 29.

utopia senão aquele horizonte desejado o qual somos provocados a alcançar. Quem sabe, como observado pelo próprio Bauman, seja o momento de afiarmos nossas ferramentas cognitivas e, com isso, assegurar ao menos a esperança de melhorar este mundo e as relações humanas que nele se dão.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BENCKE, Romi M. Sobre as tensões e as ambiguidades relacionadas à presença das religiões na esfera pública. *Revista Reflexus*, Vitória, v. 9, n. 14, p. 243-255, 2015.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 14. ed. – Petrópolis: Vozes, 2008.
- CAPUTO, Stela G. As crianças do candomblé e a discriminação. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/discriminacao-criancas-candomble/>. Acesso em: 19 fev. 2023.
- CREMONESE, Dejalma. Ética e moral na Contemporaneidade. *Revista Campos Neutrais*, Santa Vitória do Palmar, v. 1, n. 1, p. 8-28, 2019.
- DATA FOLHA. 97% dizem acreditar totalmente na existência de deus; 75% acreditam no diabo. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2007/05/1223861-97-dizem-acreditar-totalmente-na-existencia-de-deus-75-acreditam-no-diabo.shtml>. Acesso em: 18 mai. 2023.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- IPSOS. 89% dos brasileiros acreditam em Deus ou em um poder maior, aponta pesquisa Ipsos. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/89-dos-brasileiros-acreditam-em-deus-ou-em-um-poder-maior-aponta-pesquisa-ipsos>. Acesso em: 18 mai. 2023.
- LATOUR, Bruno. *Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia*. Bauru: EDUSC, 2004.
- MATURANA, Humberto R. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- QUINTANA, Eduardo. Preconceito étnico e religioso na escola: (Des) humanização e barbárie. *Revista Aleph*, Fluminense, n. 31, p. 19-33, 2018.
- VELIQ, Fabricio. Perspectivas sobre a relação entre ética e religião. *Revista Outramargem*, Belo Horizonte, v. 7 n. 10, p. 1-10, 2020.
- VIGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Submetido em: 05/25/2023

Aprovado em: 17/06/2024